

A IDEOLOGIA DE PERTENCIMENTO EM *LÍNGUA MATERNA*, DE NADINE GORDIMER

Érica Fernandes Alves (UNESPAR/FECILCAM)¹

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar a ideologia de pertencimento na literatura, tendo em vista a problemática linguística e cultural no conto *Língua Materna*, de Nadine Gordimer. Os personagens, um sul africano e uma alemã, procuram se relacionar mesmo falando línguas diferentes. A questão do pertencimento é examinada quando a cultura linguística das personagens se torna fator excludente. O artigo se fundamenta nas teorias sobre diáspora, pertencimento e linguagem desenvolvidas por Brah, Cohen, Hall, entre outros. Os resultados revelam que a língua é fator crucial para a integração de culturas e a transposição de barreiras intercontinentais.
Palavras-chave: diáspora; língua; pertencimento.

A diáspora moderna

O crescimento e a transformação das diásporas no mundo contemporâneo têm sido provocados por uma gama variada de novas circunstâncias. Dentre os novos migrantes que surgiram no final do século vinte e início do século vinte e um, podem-se citar trabalhadores, especialistas altamente qualificados, empresários, estudantes, refugiados e pessoas à procura de asilo econômico ou político.

A proliferação das diásporas no fim do século vinte é bastante diversa daquelas que ocorreram há centenas de anos atrás, conforme aponta Brah (2002). Segundo ela, a era das novas tecnologias e comunicações rápidas divergem muito da época em que se levavam meses para viajar ou manter contato através do oceano ou de grandes distâncias. Além disso, a crescente mídia eletrônica ligada às oportunidades de viagens rápidas bem como as transmissões via satélite de um país para outro criam a ideia de que embora um evento esteja acontecendo em um lugar particular, pessoas em diferentes lugares do globo podem assisti-lo simultaneamente.

¹ Professora assistente (UNESPAR/FECILCAM) Mestre. E-mail: leka_erica@hotmail.com.

Dessa forma, o migrante não mais sente tanto as dificuldades de se estar distante do país de origem e da família, porque tais dificuldades são, parcialmente, suplantadas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte que o auxiliam nesses momentos.

Van Hear (1998) menciona que essas mudanças tecnológicas aliadas às mudanças na política econômica nos últimos anos são responsáveis por transformações nas migrações atuais. Acrescenta, ainda, que para muitos, essas mudanças são vistas como consequência da incorporação das sociedades periféricas no capitalismo global, na penetração do mercado econômico mundial, na estrutura das sociedades industriais e na globalização crescente. Transformações políticas e ideológicas também ocorreram acompanhando as mudanças econômicas e tecnológicas. Tudo isso viabilizou as viagens transnacionais e a criação de grupos diaspóricos espalhados pelo mundo.

A globalização exerce um papel extremamente importante nas decisões que hoje são tomadas por indivíduos que resolvem mudar-se para outros países. O termo abarca a configuração das mudanças econômicas, tecnológicas, geopolíticas, culturais e ideológicas nos últimos anos. A integração acelerada e a interdependência da economia mundial vista mais precisamente na mobilidade do capital, mas também na liberação do comércio mundial em produtos e serviços, é central para a compreensão da noção de globalização.

Cohen (1998) aponta que a despeito das argumentações e tentativas de se elaborar um conceito fechado para a globalização, é importante pensar que o termo ainda está em desenvolvimento e ainda é demasiado prematuro pensar em um sentido exato. Entretanto, ele afirma que há características visíveis e previsíveis que cernem as discussões sobre a globalização e que são vitais para os estudos das diásporas. Esses aspectos são responsáveis pelo aparecimento de novas diásporas, assim como sua sobrevivência e desenvolvimento.

A primeira característica é o surgimento de uma economia mundial, com transações mais densas entre seus subsetores devido ao crescimento dos meios de comunicações, transportes mais acessíveis, novas divisões internacionais do trabalho e os efeitos das políticas de mercado e de capital liberais. Cohen acrescenta que “o consequente fluxo de matérias primas, componentes e produtos acabados, especialidades tecnológicas e organizacionais, assim como pessoal qualificado, constituem os alicerces da economia global” (Cohen 1998: 158-159).

Outro fator relevante é a migração internacional. Como já mencionado, as mudanças na tecnologia, transporte e comunicações foram responsáveis pela descoberta de novos destinos migratórios. Atualmente, não só a Europa Ocidental, a América do Norte e a Austrália são os destinos dos imigrantes, mas sim, países que tiveram significativo crescimento econômico nas últimas duas décadas, como os países ricos do Oriente Médio com grande concentração de petróleo, a África, o Caribe e o leste asiático. Com a globalização e o consequente surgimento de novas áreas geográficas que atraem a migração, a evolução da diáspora adquiriu mais base. Cohen explica que, com as mudanças políticas ocorridas depois do ano de 1989, quando a bipolaridade entre EUA e URSS deixou de existir, o perfil das migrações

internacionais foi alterado. A quebra da balança do poder internacional familiar foi instaurada, os regimes comunistas soviéticos foram implodidos e os investimentos e produtos ocidentais fluíram, o que conseqüentemente “tornou impossível manter as velhas restrições das viagens ou emigração por trabalho e povoamento” (Cohen 1998: 162).

Apesar do movimento livre de capital na era da globalização, as migrações em massa não são tão bem-vindas por todos os países (Cohen 1998). Alguns deles tentam oficialmente prevenir a entrada de pessoas não qualificadas, idosos e migrantes dependentes em seu território. Devido às restrições de entrada e permanência nos países, ressurgiu uma prática muito antiga de migração, conhecida como *soujourning*, que consiste no processo cíclico de emigrar e retornar. Há um desenvolvimento substancial da *indústria migratória*, composta por advogados particulares, agentes de viagens, organizadores e intermediários que sustentam a ligação entre os países de origem e de destino entre outros, incentivando ainda mais as migrações.

Atualmente, muitos dos migrantes são pessoas abastadas e qualificadas, diferentes, portanto, dos migrantes despreparados e desqualificados do século dezenove e dos refugiados das guerras mundiais e civis. As redes estabelecidas na era colonial foram suprimidas pela emergência de oportunidades seletivas de migração em países altamente desenvolvidos, como Austrália, Estados Unidos e Canadá. Viajantes temporários (*sojourners*) são auxiliados pela comunicação global e as revoluções nos transportes, devido ao fato de que muitos desses países necessitam atrair novos investidores para eliminar a, ainda existente, desqualificação profissional.

A terceira característica apontada por Cohen diz respeito às cidades globais. De acordo com ele, “cidades globais são centros do transporte global e [...] todas as cidades globais estão estritamente conectadas a outras cidades globais por via aérea” (1998: 166). Além disso, esses locais também são centros de comunicações avançadas e, sendo eles eixos onde a comunicação flui, são centros de informações, notícias, produtos culturais e de entretenimento, assim como televisões, gravadoras e editoras culturais e jornalísticas. Nesse âmbito, a migração internacional se desenvolve de forma bastante particular. Quem vai em direção a essas cidades, não está exclusivamente interessado em fixar residência, pois geralmente são profissionais, gerentes e empresários de outros países, patrocinados por corporações transnacionais. Além disso, em um nível de qualificação inferior, garçons, empregadas domésticas, choferes e até mesmo prostitutas são requeridos para que o padrão de vida dessas pessoas seja mantido.

Cohen explica que as conexões entre as cidades globais e as novas noções de espaço beneficiam as diásporas. Segundo ele, os membros diaspóricos são mais móveis que as pessoas que estão enraizadas em espaços nacionais e, seguramente estão mais inclinados à mobilidade internacional e às mudanças de residência e de trabalho mais frequentemente. “Na era da globalização, suas habilidades linguísticas, familiaridade com outras culturas e contatos em outros países fazem com que os membros das diásporas sejam altamente competitivos no trabalho internacional, serviços e mercados de capital” (1998: 169).

Outro dado de valor significativo sobre a globalização e que tem importância relevante nos estudos das diásporas contemporâneas é a existência de 'localismos' e 'cosmopolitanismos' nos dias atuais. A ideia de globalização associa-se logicamente com os 'cosmopolitanismos', porém os 'localismos' que perduram ainda hoje destoam completamente, configurando assim, uma contra tendência a globalização. Van Hear (1998: 253) aponta que alguns teóricos argumentam que os "migrantes e os transnacionais são cosmopolitanos enquanto que, aqueles que ficam para trás são provincianos". Ele explica que essa perspectiva é gerada porque muitos dos teóricos que afirmam tal verdade acreditam que "uma heterogeneidade estimulante é considerada ser produzida pela migração e pela mistura. Transnacionalismo é símbolo de multiplicidade, pluralismo e hibridismo fértil" (1998: 253).

Cohen alega que uma característica um tanto quanto perversa da globalização no nível cultural é a fragmentação, a multiplicação das identidades e a volta às origens. Ele explica que isso se deve, de certa forma, à necessidade de confrontar, opor os elementos antônimos, racionais, progressistas e universais da globalização através do retorno àquilo que é local e familiar. Uma das funções da diáspora é manter uma ponte entre o particular e o universal; conseqüentemente, muitos dos membros diaspóricos falam várias línguas e estão "aptos a discernir o que o seu próprio grupo compartilha com outros grupos e quando suas regras culturais e práticas sociais ameaçam grupos majoritários" (1998: 170).

Apesar de os sujeitos diaspóricos serem tratados como cosmopolitas por essa e outras características, é interessante ressaltar que é nas comunidades de imigrantes que os particularismos mais emergem. A confluência de culturas, línguas, etnias e tradições fazem com que haja uma multiplicidade de novas perspectivas, que questiona e reformula a ideologia dominante. Cohen finaliza seu argumento observando que "as diásporas ganham ao serem capazes de interrogar o universal com o particular e ao usar seu cosmopolitanismo para pressionar os limites dos localismos" (Cohen 1998: 173).

A última característica ressaltada por Cohen, que alimenta as discussões acerca da globalização e sua ligação com a diáspora, aborda a questão identitária e alega que da globalização decorre a desterritorialização das identidades sociais. De acordo com ele, mundo está organizado de forma vertical e horizontal. No bloco vertical estão os estados-nações e regiões, e no horizontal encontram-se as comunidades ligadas não por espaço, mas por interesses em comum. Diferentemente daqueles que acreditam que uma cultura global homogênea está sendo formada, o autor sugere que as diferentes culturas estão sendo sincretizadas de forma bastante complexa. Os elementos de cada cultura podem ser retirados, de uma ordem global, mas eles irão se misturar e se ligar diferentemente em cada cenário, por isso, as diásporas são formas de organizações sociais horizontais muito importantes.

Concluimos que estabelecer uma ligação *exata* entre a diáspora e a globalização não é tarefa fácil, mas os dois fenômenos têm grandes afinidades. As diásporas se beneficiam amplamente das mudanças na tecnologia, comunicação, meios de transportes, organizações econômicas, meios de produções, culturas e ideologias, explorando-as para sua própria vantagem. A globalização elevou os

papéis práticos, econômicos e efetivos das diásporas, mostrando que eles são formas de organizações sociais particularmente adaptáveis. A contemporaneidade abriu espaço para a formação de novas diásporas, mas também a decomposição de outras, nesse processo a organização das sociedades foi alterada e novas configurações estabelecidas.

Problematização que sempre derivou e ainda deriva dos movimentos migratórios é a questão do pertencimento e do lar. “Quando um lugar de residência se torna ‘lar’?” (Brah 2002: 1, grifos da autora). Essa questão colocada por Brah na introdução de seu livro *Cartographies of Diaspora*, desencadeia uma série de inquietações para qualquer pessoa que já imigrou alguma vez, além de trazer à tona a questão identitária do imigrante. Afinal, qual é a identidade do imigrante? Para muitos, essa questão é impossível de ser respondida, para outros a resposta é muito simples: o imigrante possui várias identidades em uma só, ou seja, ele pode ter nascido na África, mas morou por anos no Brasil e depois se mudou para a Inglaterra, portanto ele possui uma identidade híbrida, que abrange a cultura de vários países. Brah afirma que, por um lado, o termo *lar* é um lugar mítico do desejo que está na imaginação diaspórica, ou seja, um lugar sem retorno, mesmo sendo isto possível; por outro lado, lar é também a experiência viva da localidade, onde as situações são mediadas pelas relações sociais historicamente especificadas no dia-a-dia. A questão do lar, do pertencimento, está ligada com a forma como os processos de inclusão e exclusão operam e são subjetivamente experimentados em dadas circunstâncias. O conceito de diáspora coloca o discurso de *lar* e *dispersão* em uma tensão criativa, inscrevendo um desejo de retorno ao mesmo tempo criticando discursos de origens fixas. O tema relacionado à identidade diaspórica e à questão do pertencimento é por vezes abordado e discutido em encontros, simpósios e congressos sobre as diásporas e parece distante de obter uma resposta adequada.

Hall (2006: 76) argumenta que em situações diaspóricas, “as pessoas são obrigadas a adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hífenizadas”, assim, há uma espécie de negociação entre os sujeitos, “onde as ligações de tempo, geração e espacialização e disseminação se recusam a ser nitidamente alinhadas”.

Com o advento do multiculturalismo questões relacionadas à diferença, binarismo e identidade tem sido alvo de infinitos debates ao redor do mundo. Todos esses conceitos são indissolúveis da questão diaspórica. Considerando o Reino Unido, por exemplo, sabe-se que sua pretensa hegemonia cultural tem excluído abertamente os imigrantes devido à diferença de cultura, etnia e cor dérmica. O encontro de culturas provenientes de diversas regiões do globo propiciou a interação de elementos diferentes que foram enriquecedores para ambas, porém, isso não é visto de forma tão positiva por todos que compõem essas sociedades. Para discutir as relações advindas do encontro de culturas é primeiro necessário estabelecer um parâmetro para aquilo que é considerado realmente cultura. Concorda-se com Brah (2002: 234) quando ela afirma que:

Cultura é o jogo das práticas de significações; o idioma no qual o significado social é construído, apropriado, contestado e transformado;

o espaço onde o emaranhado de subjetividade, identidade e política é executado. Cultura é essencialmente processo, mas isto não significa que não podemos falar de artefatos da cultura, tais como aqueles entendidos em termos de costumes, tradições e valores.

Sendo a cultura esse emaranhado de significações, pergunta-se, o que vem então a ser a identidade cultural de um indivíduo e qual a sua importância para o entrelaçamento desse indivíduo com a sociedade em que vive? Hall (2003) afirma que a identidade cultural pode ser entendida de duas formas. A primeira delas mostra que a identidade cultural é vista em termos de uma cultura compartilhada, a qual pessoas com um mesmo passado histórico e ancestral possuem. Nesse caso, a identidade cultural de um povo reflete as experiências históricas e códigos culturais em comum que os tornam uma nação. Já a segunda visão de identidade cultural reconhece que assim como existem muitos pontos similares entre os indivíduos que constituem uma sociedade, existem também pontos críticos de profunda e significativa diferença que constituem o que os povos realmente são. Hall comenta que, nesse caso, a “identidade cultural é uma questão de se ‘tornar’, assim como ‘ser’” (Hall 2003: 236, grifos do autor). Dessa forma ela pertence ao futuro tanto quanto ao passado. A identidade cultural não é algo fixo, que já existe, transcendendo espaço, local, tempo, história e cultura. Na verdade, ela vem de algum lugar, mas, como qualquer coisa que é histórica, ela está em constante transformação, ou seja, está sujeita à contínua ação da história, da cultura e do poder.

Considerando os sujeitos diaspóricos dentro de uma sociedade que não é a de origem, uma sociedade que os vê como intrusos, que estão lá, mas não pertencem àquele local, a identidade cultural por vezes se choca com os valores impostos pelo discurso dominante e acaba se diluindo dentro de um regime de marginalização e exclusão. Por isso, o multiculturalismo sugere que as diferenças culturais devem ser vistas como importantes pilares para que as sociedades envolvidas nos processos diaspóricos cresçam, através do pluralismo cultural que as diásporas oferecem. Hall argumenta que a questão multicultural tem como desafio maior concentrar nosso pensamento em algo novo, “em formas novas de *combinar* a diferença e a identidade, trazendo para o mesmo terreno aquelas incomensurabilidades formais dos vocábulos políticos - a liberdade e a igualdade *junto* com a diferença, ‘o bem’ e ‘o correto’” (Hall 2006: 86, grifos do autor). De tal modo, a compreensão da diferença e a sua aceitação são essenciais para a formação de uma sociedade democrática dentro de um espaço heterogêneo.

No final do século vinte, as diásporas marcam uma tensão entre a legitimação e a interrogação das fronteiras dos estados-nações. As coletividades diaspóricas figuram no coração dos debates sobre identidade nacional, as quais podem ser consideradas por muitos como uma ameaça à integridade da *nação*, porém, de forma alternativa, as diásporas também são percebidas tanto como a base da identidade das sociedades pluralistas, como um símbolo da interdependência da aldeia global (Brah 2002). A interação deve existir para que a pluralidade seja enriquecida e alimentada, produzindo novas relações entre as diferenças.

A língua como forma de poder

As diásporas além de serem marcadas pelo alargamento dos encontros multiculturais favorecem a dispersão das línguas ao redor do mundo ao mesmo tempo em que as requerem. Há muito se debate acerca da influência do discurso em meio a sociedades multiculturais. Desde a colonização a língua se tornou alvo de discussões que a identificam como primordial para se estabelecer as relações de poder, inclusão e exclusão. De uma forma generalizada, a língua do mais forte foi aquela que prevaleceu e operou ativamente nos níveis de marginalização dos sujeitos envolvidos no processo colonial. O esmagamento da cultura e da língua do mais fraco foi inevitável na maioria dos casos. Isso porque, de acordo com Ashcroft et al (1998), a influência contínua dos modelos culturais eurocentristas privilegiavam os estrangeirismos em detrimento aos valores nativos: a linguagem colonial ao invés da linguagem indígena, culturas escritas em lugar da oralidade, etc.

Fanon (2008) explica que qualquer língua está carregada de significações e que aprender determinada língua significa apreender a ideologia em suas entrelinhas: “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa língua expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: Existe na posse da linguagem uma extraordinária potência” (2008: 34).

Entende-se, por conseguinte, que ao se assumir uma nova língua, assume-se também uma nova cultura: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (Fanon 2008: 33). A língua passa a ser a chave para se compreender a cultura de um povo e, através dela, o homem adquire sua identidade. Nas sociedades colonizadas a cultura local foi, na maioria das vezes, destruída e substituída pela cultura do colonizador. O sujeito colonial foi exposto a uma nova cultura que lhe foi apresentada como superior em detrimento à sua que era vista como primitiva e selvagem. Essa exposição facilitou o aniquilamento de sua cultura, língua, religião e costumes fazendo surgir uma apreciação pela cultura do *Outro* e um repúdio a sua própria cultura. Acerca desse assunto, Fanon (2008: 34) explica: “Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana”.

Na África do Sul, embora a maioria da população fosse nativa, o *modelo* de língua e cultura seguido foi o imposto pelo branco. A linguagem nativa foi suplantada pela força da língua inglesa trazida pelo colonizador, todavia, as línguas nativas não foram de todo aniquiladas. Ngugi (1981: 86) ao comentar a sua experiência como sujeito colonizado no Quênia, afirmou que a língua do colonizador era a passagem para o conhecimento e, nas escolas, falar corretamente lhe garantiria prêmios e elogios:

Em relação ao inglês a atitude era exatamente o oposto: qualquer façanha no inglês falado ou escrito era altamente recompensada;

prêmios, prestígio, aplausos; a passagem para os mais altos domínios. A língua inglesa passou a ser a medida de inteligência e capacidade na área das artes, as ciências, e todos os outros ramos da educação. O inglês passou a ser o principal determinante do progresso da criança na escada da educação formal.

Embora o exemplo africano seja citado aqui, há poucos registros de línguas nativas que sobreviveram à influência da língua colonizadora. Na verdade, o que prevaleceu foram resquícios da língua nativa. Pode-se afirmar que algumas dessas sociedades colonizadas tiveram sua língua hibridizada a partir do contato com a língua alienígena.

Como forma de resistir ao poder colonial e solapar a dominação europeia efetivamente, muitas comunidades utilizaram-se de uma estratégia de resistência chamada de *ab-rogação*, que consiste na recusa das categorias da cultura e língua imperial, sua estética, seu padrão normativo e uso correto, bem como a sua exigência de fixar o significado das palavras. É possível dizer que isso representa uma descolonização do idioma europeu. Juntamente com a ab-rogação surge a apropriação que se refere ao “processo pelo qual o idioma é apropriado e obrigado a carregar o peso da experiência da cultura marginalizada” (Ashcroft et al 1998). Essa prática sobreviveu e ainda hoje é comum notarmos forte influência da língua nativa no francês e inglês falados nas colônias e ex-colônias. Ashcroft et al (1989) afirmam, no caso da língua inglesa, que embora ela tenha sido disseminada através do imperialismo britânico, o inglês existente nos países colonizados como Jamaica, Nova Zelândia, Canadá, Quênia, dentre outros difere não só do inglês standardizado, mas também entre si. Com isso, conclui-se que existe hoje “mais inglês do que Inglês” (1989: 195).

Na literatura pós-colonial, a ab-rogação e a apropriação figuram como fortes estratégias de subversão ao poder colonial. O autor pós-colonial utiliza o idioma recolocando-o em outra situação cultural específica. Grande exemplo dessa prática é o romance *Things Fall Apart* (1958), do nigeriano Chinua Achebe. Embora o idioma utilizado na tessitura do romance seja o inglês, um vasto vocabulário da língua nativa dos personagens africanos do romance é empregado, a ponto do autor criar um glossário ao final do livro para que o leitor encontre maior facilidade no ato da leitura.

O conto de Nadine Gordimer, *Língua Materna*, não oferece essa facilidade com que Achebe presenteou seu leitor. Ao contrário, da mesma maneira que a personagem se sentiu deslocada ao ouvir a mistura entre inglês e língua nativa, o leitor também sente. O emaranhado linguístico levanta o questionamento ao redor do deslocamento espacial, mas principalmente em torno do deslocamento cultural.

Língua Materna: diáspora e deslocamento cultural

O conto *Língua Materna* focaliza um acontecimento comum atualmente: o deslocamento espacial em razão do trabalho. O significado do termo diáspora, antes expresso como um deslocamento voluntário ou involuntário de um grande número de pessoas passou por alterações na pós-modernidade. Ultimamente, pode-se afirmar que o processo diaspórico abarca não mais apenas essa definição. Na verdade, houve uma contração de seu alcance, contração essa que, contrariamente, alargou o sentido do termo: hoje as diásporas são desencadeadas por pequenos grupos de pessoas que voluntariamente, ou virtualmente voluntariamente se deslocam de seus lares para outros locais em busca de trabalho. O mais interessante sobre esse aspecto é que em muitos desses casos os envolvidos não são pessoas oprimidas ou sem oportunidades em seu país de origem. Ao contrário, são indivíduos que possuem uma vida estável e gozam de relativo conforto financeiro, mas vislumbram em outros países a oportunidade de crescerem profissionalmente por meio de cursos, estágios, especializações e novos contatos que não podem ser encontrados em sua nação.

Em geral, essa categoria diaspórica se encaixa nas chamadas cidades globais, onde a mão de obra especializada é requerida tal o nível tecnológico existente nelas (Cohen 1998). No conto, temos um personagem emoldurando essa situação, pois sai de seu país de origem para desempenhar uma função administrativa para uma grande incorporação em outro país.

Ele trabalhava numa agência internacional de propaganda de vastos tentáculos e fora enviado ao país dela em razão de mais um tipo de reconhecimento: o de diretor, de sua Inteligência, adaptabilidade e aceitação otimista da necessidade de aprender a língua do país para qual seria mandado como um dos coordenadores do fabuloso conglomerado de agências (global, como dizem eles) (Gordimer 2007: 69).

Há uma inversão clara entre os polos sul e norte no que diz respeito à imigração nesse conto. Durante o período de colonização, os povos do hemisfério norte avançavam em grande escala para o hemisfério sul, em busca de riquezas das mais variadas origens: extrativismo mineral e vegetal, agricultura, mão de obra barata, entre outras. Após o fim da escravidão e a independência da maioria das colônias, são os habitantes destas que se direcionam para as metrópoles em busca da realização de seus intentos, que, em sua maioria, se resume em procura de melhores condições de vida. Várias cidades foram transformadas a partir do momento em que os civis vindos das colônias se instalaram nelas. Um exemplo disso é a cidade de Londres:

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a geografia urbana e humana de Londres foi alterada irreversivelmente como consequência dos

padrões de migração de países com uma história de colonialismo: atualmente, um número de bairros londrinos é conhecido primeiramente pelas populações ‘estrangeiras’ que eles criam (McLeod 2004: 4).

O conto se inicia com uma descrição simplificada do encontro entre os dois personagens centrais da trama, bem como o pluralismo cultural e étnico que hoje é comum na Europa:

Eles se apaixonaram no país dela. Encontraram-se lá. O táxi em que ele estava derrapou e bateu no carro dela. [...] Um bafafá por nada. – Disse isso como se fosse algo que ele e ela, em suas categorias de cliente de táxi e proprietária de carro, pudessem avaliar à vista do nível de indignação do paquistanês, ou qualquer que fosse a nacionalidade do motorista do táxi (Gordimer 2007: 67).

Identificam-se três personagens nesse trecho, sendo todos eles de nacionalidades diferentes: uma alemã, um sul-africano e um possível paquistanês (já que nenhum dos dois personagens centrais consegue identificar a nacionalidade correta do motorista de táxi, pelo fato de nenhum deles compreender completamente a língua dos outros). Desde já o conto deixam claras a questão cultural e a identidade dos envolvidos. Tendo origens diferentes, a cultura trazida por cada um os faz agir de modo diferente no momento em que há o acidente. Isso indica que sua identidade não se moldou totalmente ao meio em que vivem, podendo ainda ser modificadas com o passar do tempo e a convivência com o outro (Hall 2006).

O embate sobre a língua é desdobrado em seguida no conto quando o sul-africano e a alemã procuram trocar informações acerca do acidente: “O passageiro falava inglês, sua língua materna, mas viu, através do borrão de chuva, o acenar incerto da cabeça de alguém que ouviu, mas não entendeu direito. Ele não conhecia uma expressão mais coloquial para traduzir para o alemão sua breve chacota” (Gordimer 2007: 67-68). A partir desse encontro onde a língua já se mostra como um obstáculo ao juízo preciso, os personagens imergem em um mundo de significações aproximadas, diálogos incertos e silêncios necessários. Note-se que diferentemente do que Ngugi (1981) estabelece em seus estudos sobre a necessidade de aprender a língua para ser incluído no meio não se concretiza nesse conto. Os personagens falam sua língua materna apenas e poucos sabem sobre a língua do outro.

Embora o sul-africano esteja na Alemanha a negócios, ele também enfrenta dificuldades para compreender os nativos. No encontro com a moça alemã, o leitor reconhece que ambos têm dificuldades com a língua alheia:

[...] e ele usou o vocabulário atamancado que tinha da língua do país para conversar com ela [...];
 [...]

Sim, ele tinha aprendido algumas coisas da língua dela, se bem que o curso que fizera não se mostrou muito útil ao chegar a um lugar onde todos falavam a língua o tempo todo, só que não no estilo e sotaque de um livro de frases.

[...]

Ela sabia muito pouco da língua dele, poucas palavras lembradas, aprendidas na escola (Gordimer 2007: 68).

Ainda que cumprindo um papel essencial nas relações humanas, compreende-se que nesse contexto, o conhecimento básico da estrutura da língua é suficiente para que a comunicação seja estabelecida. Diferentemente do que se nota no final do conto, quando não apenas a decodificação linguística é necessária, mas todo um entendimento da influência cultural que está embrenhada da linguagem utilizada:

Ela estava sozinha e riu – sem saber do quê. Continuava sentada ao lado da mulher e do marido abraçados, celebrando um ao outro, naquele jeito fácil dos que têm antigos laços de intimidade codificados em diálogos na língua materna, libertados pelo vinho e pelos bons momentos vividos por todos. Ela ria quando os outros riam. Depois sentava calada e ninguém reparava nela. É que ela não conhecia a língua (Gordimer 2007: 76).

Mesmo sem compreender-se mutuamente de forma global, os personagens se envolvem em um romance e decidem casar-se e, em seguida, mudam-se para a África do Sul. Cohen (1998) argumenta que as diásporas propiciam o contato com outros sujeitos e muitos “acabam se casando com os habitantes locais e, aos poucos, desaparecem como um grupo étnico separável”. Quando o país é revelado como sendo sua nação, a moça alemã aufere-lhe toda uma gama de pré-conceitos e estereótipos comuns a esse país por parte dos países colonizadores e ditos de cultura hegemônica: “*Africa do Sul. Mandela. As sinapses e os neurônios fazem a conexão identificadora no mapa de toda mente europeia*” (Gordimer 2007: 68, grifos da autora).

Percebe-se que a moça desconhece praticamente tudo o que deriva do país. Fato que corrobora para o leitor dar-se conta de como os países da África e de outros continentes colonizados estão relegados à invisibilidade, ao essencialismo e a estereotipagem. Sobre isso, Said (2007) desmistifica a ideia de criação dos polos Ocidente/Oriente. De acordo com ele, o Oriente e o Ocidente foram criados pelo homem. O Oriente surgiu a partir do pensamento ocidental e, portanto, ambas as entidades se sustentam e se refletem. A partir desse conceito, o autor propõe algumas observações. Segundo ele, seria errado concluir que o Oriente foi essencialmente uma ideia ou criação sem realidade correspondente.

Assim, de forma generalizante, o que muitos dos europeus reconhecem hoje sobre os países colonizados não passa de uma invenção propícia aos desejos do colonizador durante o processo de colonização que perdura até os dias atuais. O que

de fato é real ou imaginário sobre essas comunidades ainda é virtualmente desconhecido pela maioria das pessoas do mundo ocidental.

Um dos choques culturais mais interessantes do conto ocorre quando o casal é convidado a ir a um encontro social com os amigos do sul-africano. No meio do caminho, a moça resolve comprar flores para os anfitriões:

- Para quê? Não é aniversário de ninguém, até onde eu saiba. - Ele se esquece de que essa é a regra no país dela, levar flores, ou chocolate - algum presente - para a festa. - Vinho teria sido uma ideia bem melhor, minha querida. - No fim, o anfitrião ou um dos anfitriões - era uma reunião ajustada entre vários amigos - joga o buquê de lírios sobre uma mesa onde logo serão empurrados por copos e cinzeiros (Gordimer 2007: 73).

De fato, logo as flores ficam esquecidas na mesa murchando, enquanto os convidados falam dos mais variados assuntos. Fato que corrobora para que a personagem realize sua ignorância em relação à cultura do outro.

Embora o pensamento europeu ainda esteja atrelado a uma premissa reducionista e estranguladora, a hibridização cultural parece ser algo latente no conto. Em diversas situações a cultura dos dois países mostra-se bastante influenciada por costumes estrangeiros, deixando às margens diversas de suas características marcantes. Todavia, parece ser a África do Sul o país mais aberto às mudanças, enquanto que a Alemanha ainda luta para manter suas tradições um tanto quanto intactas. Isso pode ser percebido no trecho a seguir, o qual explica que a presença de tantos indivíduos de outras nacionalidades em território alemão ainda é vista como uma invasão:

Um estranho passo na vida, muito longe do que era esperado entre amigos e família. Entretanto, os poderosos países europeus estão acostumados a todo tipo de invasão, tanto beligerante quanto pacífica, e esse estrangeiro, que entrara legalmente, representava grandes negócios e era a prova individual de que o mundo aceitara o arrependimento alemão em relação ao passado (Gordimer 2007: 70).

Não se pode deixar de notar a ironia presentes nessa passagem. O modo como as palavras foram escolhidas cuidadosamente para denotar a ideia errônea de que a Alemanha é vítima de si própria, mas que, por outro lado, é condescendente com a imigração maciça seja ela ilegal ou não. Também é manifesto o interesse desse país por imigrantes que venham contribuir para seu crescimento econômico e social.

Enquanto o interesse dessa nação pela *cultura* do outro ainda esteja atrelado a tais aspectos, na África do Sul percebe-se mais uma abertura para os valores ocidentais no que diz respeito a estilo de vida, moradia, vestimentas, etc. De certa maneira, isso ainda é um reflexo dos séculos de colonização, quando adotar os costumes europeus não era apenas uma opção, mas uma maneira de tentar se parecer

com eles para que fossem considerados não tão inferiores quanto eram julgados ser ou então, por imposição própria da classe dominadora. Sobre essa problemática da imitação e adoção dos costumes alheios, Ashcroft et al (1998: 139) afirmam que:

Quando o discurso colonial incentiva os sujeitos colonizados a ‘imitar’ o colonizador, através da adoção de hábitos culturais do colonizador, pressupostos, instituições e valores, o resultado nunca é uma simples reprodução de tais características. Pelo contrário, o resultado é uma ‘cópia desfocada’ do colonizador que pode ser bastante ameaçadora.

Embora exista uma ambivalência presente na imitação, muitos dos nativos das colônias o faziam sem a deliberada intenção de provocar o colonizado. A tentativa era a de se parecer com o europeu, para se tornar melhor, mais belo, culto e menos primitivo. Essas práticas perduraram mesmo depois da independência de muitos países sob o jugo colonial e a cultura, hibridizada, demonstra essa pluralidade:

A geração dos pais dele era inteiramente favorável a aço e vidro, ou ao falso californiano-mexicano, ninguém queria morar em casas com balaustradas de madeira e lareiras a carvão. Para a geração dos filhos, as imitações de Frank Lloyd Wright e do estilo hispano-californiano eram simbólicas de gente procurando assumir uma identidade exterior àquela da qual não estavam bem certos (Gordimer 2007: 72).

Segundo Ashcroft et al (1998), o hibridismo se refere à criação de novas formas transculturais advindas da zona de contato proveniente dos encontros coloniais. Embora os países da Europa não queiram deixar transparecer, sua cultura também foi hibridizada quando se chocou com as culturas das colônias. Todavia, as maiores mudanças ocorreram nas colônias as quais influenciaram a configuração social, política, cultural e linguística de várias maneiras.

A questão linguística é, sem dúvida, aquela que sofreu maior impacto com a colonização. A imposição da língua do colonizador foi fundamental para que a introdução de novas ideologias ocorresse no dia-a-dia das sociedades colonizadas. Em *Língua Materna*, isso é muito bem explorado. Atualmente, existem onze línguas oficiais na África do Sul, sendo o inglês a língua mais difundida e entendida por todo o país. Além disso, o inglês é a língua do mundo dos negócios, da política e da mídia, sendo designada como a língua franca do país. Entretanto, o inglês sofre fortes influências das línguas nativas, ganhando novas características principalmente no campo da pronúncia e sotaque, além da introdução de novos vocábulos pertencentes a outras línguas. Ashcroft et al (1989) concluem que hoje, devido à colonização e à expansão da língua inglesa, existem mais variantes do inglês que a própria língua padrão, denotando o fato de essa língua ter-se transformado quando do contato com outras línguas e culturas.

Quando se muda para a África do Sul, é a moça alemã que se torna a imigrante. Em seu país, tudo parecia simples e a comunicação com o marido não

parecia afeta-la já que tudo ao seu redor era tratado em sua língua materna. Mesmo com as diferenças latentes entre a alemã e o novo país, ironicamente ela chega a pensar que está se saindo bem na questão da comunicação. Sua confiança é tamanha que ela se recusa a encontrar um trabalho que envolva sua língua materna.

Houve sugestões de que poderia arranjar um trabalho de meio período no Instituto Goethe. Porém ela não queria ficar falando alemão - o inglês era sua língua, agora. [...] Sentia-se feliz de ver que estava entendendo tudo o que se dizia na língua dele, ainda que não pudesse usá-la com confiança suficiente para se fazer ouvir (Gordimer 2007: 73).

Aparentemente, não há problemas no que tange a língua até o momento do encontro social. Quando se encontra com os amigos do marido no ambiente deles, a situação muda, já que a língua utilizada é bastante coloquial e hibridizada. Essa miscigenação do idioma é causa de desconforto e deslocamento no conto, pois a personagem alemã sente-se completamente desarticulada dentro do contexto de conversa entre os amigos do marido, os quais insistem em utilizar-se de palavras dos dialetos e línguas locais em sua fala:

*... então eles atiraram uma pedra nele, certo? - o diretor do escritório, no gal...
 ... na sua cara. É sempre ela... Hai! Hamba kahle...
 ...Espantoso! Alguma coisa a ver com um evento esportivo ou, então, uma sobremesa que alguém fez? Eles usavam a palavra em várias formas diferentes; ela procurou no dicionário, mas aí o significado era aquilo "que causa espanto, que causa medo, que assusta, que causa admiração por ser muito bom ou agradável" (Gordimer 2007: 75, grifos da autora).*

A personagem se esforça para compreender o assunto discutido, mas o dicionário não é suficiente para lhe tirar as dúvidas. A língua utilizada foi ab-rogada pelos falantes e apropriada, por isso, compreender o que é falado nesse contexto depende do fato de pertencer àquela cultura, de fazer parte. As diferenças culturais comuns aos imigrantes parecem incomodá-la ao extremo.

Ao redor da esposa as referências vão e voltam, num jargão de grupo - toda roda tem isso, algo da experiência comum. Era a mesma coisa entre os amigos dela, em sua vida pregressa na Alemanha. Piadas que você não entende mesmo que conheça as palavras; que só entende se souber o que ou quem está na berlinda. Ela tampouco sabe as frases, as palavras afetuosas, condescendentes, que são o meio de expressão de gente que adapta e mistura línguas, exclamações, expressões idiomáticas numa espécie de inglês eu não é usado por gente instruída como eles (Gordimer 2007: 74-75).

Brah (2002) explica que as “diásporas são potencialmente, também, lugares de esperança e novos começos. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagem e se reconfiguram”. Quando do contato com a outra cultura e os choques causados pelas diferenças, Bhabha (1997, *apud* Hall 2006: 74-75) afirma que:

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referência, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou ‘inerentes’ de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a ‘diferença do outro’ revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação.

O estranhamento (*unheimlich*) faz a personagem interpretar o uso da língua híbrida como algo típico de pessoas aculturadas, fato que corrobora para que o leitor compreenda ainda mais o modo de pensar do europeu, que insiste em rotular o hibridismo e a miscigenação como algo negativo, promulgando a ideia de que deve existir certa pureza da língua. Essa crença implícita na passagem citada é em parte, justamente o que impede a personagem de interagir com o grupo. Mas é um equívoco não considerar o fato de que ela se encontra em um novo contexto também, onde a língua falada não é dominada.

Considerações finais

Este artigo procurou analisar brevemente a ideologia de pertencimento na literatura tendo em vista a problemática linguística constante no conto *Língua Materna*, de Nadine Gordimer. Partindo de teorias sobre a diáspora, lar, pertencimento e apropriação de linguagem, desenvolvidas por Brah, Cohen, Hall, Fanon e outros, procurou-se demonstrar a relação intrínseca existente entre esses conceitos no que se refere à adaptação de um indivíduo em um país onde a língua e a cultura são desconhecidas para ele.

Os resultados dessa investida denotam que a adaptação e inserção em uma nova sociedade podem ser mais complicadas do que parecem a princípio. Em nenhum momento a personagem parece se dar conta de que poderá enfrentar esse tipo de problema. Embora haja certo receio por ter que se mudar para a África do Sul, ela não se questiona acerca de seu conhecimento sobre o país e as diversas línguas que lá existem. Essa constatação reafirma a invisibilidade dos países colonizados ainda perene no pensamento europeu.

O estranhamento (*unheimlich*) sentido pela personagem quando ela tenta compreender o que os sul-africanos estão falando provoca um deslocamento que a impede de se comunicar, tornando-a muda. Essa mudez, por sua vez, afasta-a da interação e do sentimento de pertencimento. Em seu íntimo, ela compreende que não

pertence àquele grupo, que desconhece a língua e, ainda mais, a cultura. Seu deslocamento espacial e cultural reflete o problema advindo das diásporas, desde os seus primórdios, quando a adaptação ao novo mundo é uma problemática tão latente que, por vezes, o indivíduo se relega às margens da nova sociedade. A língua caracteriza-se como a grande vilã da situação, pois sem o seu domínio e, conseqüentemente, sem entender sua ideologia, a personagem está às margens daquela sociedade onde a língua é amplamente falada (Ngugi 1981; Fanon 2008).

Conclui-se que a questão do pertencimento depende de um fator fundamental: a linguagem; entendida aqui não só como um conjunto de signos linguísticos, mas como um veículo de cultura. Aprender uma língua significa então, nesse patamar, entender uma cultura e incorporá-la para que a convivência seja estabelecida de forma substancial.

THE BELONGING IDEOLOGY IN *LÍNGUA MATERNA*, BY NADINE GORDIMER

Abstract: This article aims to analyze the belonging ideology in literature, considering the linguistic and cultural difficulties in the short story *Língua Materna*, by Nadine Gordimer. The characters, a South African man and a German woman, try to keep a relationship despite their different language. The belonging question is examined when their linguistic culture becomes an excluding element. This article is based on theories about diaspora, belonging and language developed by Brah, Cohen, Hall, among others. The results show that language is an essential component for culture interaction and the intercontinental borders' transposition.

Keywords: diaspora; language; belonging.

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, Bill. et al. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.
- _____. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.
- COHEN, Robin. *Global Diasporas: An Introduction*. Washington: UCL Press, 1998.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GORDIMER, Nadine. Língua Materna. In: _____. *Beethoven era 1/16 negro e outros contos*. Tradução: Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 67-76.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Cultural Identity and Diaspora. In: BRAZIEL, J. E; MANNUR, A. (Orgs). *Theorizing Diaspora: a reader*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-246.

McLEOD, John. *Postcolonial London*. London: Routledge, 2004.

NGUGI, wa Thiong'o. *Writers in Politics*. London: Heinemann, 1981.

SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VAN HEAR, Nicholas. *New Diasporas: The Mass exodus, dispersal and regrouping of migrant communities*. London: UCL Press, 1998.

ARTIGO RECEBIDO EM 30/08/2012 E APROVADO EM 07/10/2012.